

O torcedor de futebol em revistas acadêmicas brasileiras de Educação Física (2001-2023)

The football fan in Brazilian academic journals in Physical Education (2001-2023)

El hincha de fútbol en las revistas académicas brasileñas de Educación Física (2001-2023)

FELIPE TAVARES PAES LOPES¹; JOSÉ LEANDRO PEREIRA MANJATERRA LONER²
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, UNICAMP, CAMPINAS-SP, BRASIL

RESUMO

Neste trabalho, realizamos um balanço bibliográfico da produção acadêmica em Educação Física sobre o torcedor de futebol, com o objetivo de compreender como ele foi abordado em artigos publicados em revistas acadêmicas brasileiras da área entre 2001 e 2023. No total, pesquisamos 11 revistas e selecionamos 28 artigos, que foram submetidos a uma análise de conteúdo. Entre outras coisas, pudemos concluir que há pouca contraposição de ideias entre os materiais selecionados e que o tema por eles mais discutido foi a violência no futebol. Ao discutir tal tema, esses materiais focalizaram o comportamento das torcidas organizadas, buscando problematizar seu processo de estigmatização. Outro tema bastante discutido foram os estádios de futebol – provavelmente em função das transformações que sofreram com a realização dos megaeventos esportivos da década de 2010 e de seus impactos para a experiência de torcer.

Palavras-chave: Torcedor de Futebol. Balanço Bibliográfico. Educação Física.

ABSTRACT

In this paper, we carried out a bibliographic review of academic production in Physical Education on football fans, with the aim of understanding how they were approached in articles published in Brazilian academic journals in the field from 2001 to 2023. In total, we researched 11 journals and selected 28 articles, which were subjected to a content analysis. Amongst other things, we were able to conclude that there is little contrast of ideas between the selected materials and that the topic they discussed most was violence in football. In discussing this topic, these materials focused on the behaviour of organised supporters, seeking to problematise their process of stigmatisation. Another much-discussed topic was football stadiums - probably due to the transformations they have undergone with the sport mega-events of the 2010s and their impact on the football fan experience.

Keywords: Football Fans. Literature Review. Physical Education.

RESUMEN

En este trabajo, realizamos una revisión bibliográfica de la producción académica en Educación Física sobre hinchas de fútbol, con el objetivo de comprender cómo fueron abordados en artículos publicados en revistas académicas brasileñas del área entre 2001 y 2023. En total, investigamos 11 revistas y seleccionamos 28 artículos, que fueron sometidos a un análisis de contenido. Entre otras cosas, pudimos concluir que hay poco contraste de ideas entre los materiales seleccionados y que el tema que más trataron fue la violencia en el fútbol. Al discutir este tema, estos materiales se centraron en el comportamiento de los hinchas organizados, buscando problematizar su proceso de estigmatización. Otro tema que fue ampliamente discutido fue el de los estadios de fútbol - probablemente debido a las transformaciones que han sufrido con los megaeventos deportivos de la década de 2010 y su impacto en la experiencia de animar.

Palabras clave: Hinchas de Fútbol. Revisión Bibliográfica. Educación Física.

¹ Professor Doutor I. Faculdade de Educação Física da Unicamp. E-mail: lopesftp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0213-7858>.

² Graduando e bolsista de iniciação científica. Faculdade de Educação Física da Unicamp. E-mail: j236065@dac.unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6051-9480>.

INTRODUÇÃO

Este trabalho³ apresenta os resultados de um balanço bibliográfico da produção da área de Educação Física sobre um(a) personagem(a)⁴ central no universo do futebol: o torcedor. O termo “torcedor”, todavia, nem sempre foi empregado para categorizar o espectador futebolístico. Uma das histórias mais aceitas (e incorretas) é que foi empregado pela primeira vez pelo escritor e poeta Coelho Netto, em torno de 1915, para se referir à aflição das mulheres que assistiam às partidas de futebol – que torciam suas luvas ou lenços, emprestados pelos “cavalheiros” que as acompanhavam. No entanto, muito antes disso, a imprensa já empregava a palavra “torcer” (e “torcedor”) no sentido atual: o de querer vivamente ou manifestar predileção e desejar a vitória de algo ou alguém. Tal palavra é, inclusive, anterior à própria chegada do futebol ao Brasil (Lauand, 2016).

Independentemente de suas (verdadeiras) origens, a categoria “torcedor”, como qualquer categoria, interliga determinado grupo de pessoas numa identidade coletiva, independentemente das divisões e diferenças (de gênero, raça, classe etc.) que possam separá-las. Em outras palavras, ela constrói, no plano simbólico, uma unidade, que tende a ofuscar a diversidade (Thompson, 2000). Afinal, existem muitos tipos de torcedores, e cada um deles experiencia o futebol de determinada maneira. Por exemplo, uma torcedora mulher não vivencia o futebol da mesma forma que um torcedor homem – entre outras razões, por conta do sexismo presente nas arquibancadas. Da mesma forma, um integrante de uma torcida organizada apropria-se e consome o futebol de uma forma muito diferente daquele que não pertence a uma. Afinal, segue outros códigos, hábitos e regras, participando de um campo de interações relativamente autônomo (Lopes; Teixeira, 2021).

No contexto europeu, Giulianotti (2012) propôs uma taxonomia torcedora, que, baseada em oposições binárias básicas (quente-frio e tradicional-consumidor), estabeleceu quatro tipos-ideais de identidades de torcedores: os fanáticos, os seguidores, os fãs e os flâneurs. Provavelmente, essa taxonomia não pode ser diretamente aplicada ao contexto brasileiro, dada suas particularidades. Seja como for, o que existem, nas diferentes partes do mundo, são torcedores, no plural. Mas quais deles são objeto de investigação científica?

Um dos primeiros grupos de torcedores a atrair a atenção dos pesquisadores foram as “firmas” de hooligans da Inglaterra, devido ao seu engajamento (sistemático) em brigas e atos vandálicos, que começaram a ganhar maior repercussão midiática na década de 1960, quando se criou um “pânico moral” em torno do fenômeno. Os estudos sobre o hooliganismo, no entanto, só se desenvolveram mesmo na década de 1970, graças aos esforços de vários autores, filiados a diferentes escolas de pensamento. Entre elas, destaca-se a Escola de Leicester, que se baseava, principalmente, na sociologia figuracional de Eliás. Um de seus principais discípulos, Dunning (2014), se contrapôs a uma série de explicações “oficiais” e teóricas sobre o hooliganismo e, adotando tal enfoque, argumentou que o hooliganismo é um problema global e que sua universalidade tende a ser delineada pelas *fault lines* (“imperfeições”) de cada sociedade. Na Inglaterra, por exemplo, isso significaria desigualdades de classes sociais e regionais. Também argumentou que só seria possível criar medidas eficazes contra a violência no futebol se fossem elaborados diagnósticos sociológicos adequados, que pudessem servir de apoio para essas medidas.

Já nos anos 1980, ocorreram algumas tragédias envolvendo torcedores de times da Inglaterra – o que ajudou a reforçar a imagem, muito difundida pela mídia mundial, de que o

³ Agradecemos ao Fundo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão – FAEPEX, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pelo apoio financeiro, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

⁴ A partir daqui, a fim de aliviar o corpo do texto, abandonaremos a fórmula o(a) e passaremos a adotar o genérico masculino.

hooliganismo inglês era o grande “câncer” do futebol global, ainda que algumas dessas tragédias tenham ocorrido, principalmente, por falhas dos operativos de segurança. De qualquer modo, na década seguinte, diversas medidas foram tomadas – com destaque para a elaboração e publicação do famoso (e controverso) “Relatório Taylor”, que buscou “humanizar” os estádios britânicos (Giulianotti, 2002). Naquele momento, muitos documentários e livros jornalísticos sobre o tema também foram produzidos – como o *best-seller* “Entre os vândalos” (Buford, 1992), que buscou analisar os danos e os encantos da violência em massa.

No Brasil, o fenômeno da violência no futebol não é recente, modificando-se ao longo do tempo. Na década de 1970, com o aumento da violência urbana e com acirramento das rivalidades entre as torcidas organizadas, os confrontos entre torcedores ganharam uma dimensão mais militarizada (Murad, 2017). Mas foi mesmo na primeira metade da década de 1990 que esses confrontos despertaram mais fortemente a atenção da imprensa, devido a uma série de episódios dramáticos – como a Batalha Campal do Pacaembu, ocorrida em 1995, quando membros de organizadas do Palmeiras e do São Paulo invadiram o campo de jogo e se enfrentaram com paus, pedras e outros artefatos, resultando na morte de um jovem torcedor e em mais de uma centena de feridos. Neste momento, uma série de pesquisadores – principalmente, antropólogos e historiadores – passou a estudar, de modo mais sistemático e sistematizado, a identidade social dos torcedores organizados, assim como seus rituais, seus vínculos sociais e os processos históricos e sociais de formação de suas associações (Lopes, 2019).

Passados quase trinta anos da Batalha Campal do Pacaembu, muita coisa mudou no futebol brasileiro e, também, no universo torcedor em geral. As próprias torcidas organizadas mudaram em alguns aspectos. Alguns grupos, por exemplo, passaram a rejeitar o uso de armas nos confrontos, privilegiando os embates corporais e fazendo deles possibilidades de lazer (Rezende, 2024). Outros adotaram o estilo das *barras* argentinas de torcer, com suas murgas, tirantes e instrumentos de sopro (Lopes; Teixeira, 2021). Ademais, o discurso contra o “futebol moderno”, ou seja, contra o processo de hipermercantilização do futebol, cada vez mais determinado pela lógica midiática (Numerato, 2014), passou a ecoar com força nas arquibancadas brasileiras – principalmente, depois da construção das novas arenas, que criaram algumas barreiras para a manifestação de uma cultura popular de torcer e que ajudaram a elitizar o futebol, estabelecendo diversas áreas exclusivas (e, portanto, excludentes) (Lopes; Hollanda, 2018).

Também não podemos perder de vista a emergência, em meados dos anos 2010, de múltiplos coletivos ativistas de torcedores, que impuseram novas agendas e passaram a criticar as mais diversas formas de opressão nas arquibancadas (de gênero, raça, classe etc.). Críticas materializadas não apenas em postagens nas páginas de suas redes sociais digitais, mas, também, em ações voltadas a pessoas em situação de vulnerabilidade social (distribuição de alimentos, doação de sangue etc.), na criação de projetos de conscientização política (oficinas, debates, exibição de filmes etc.) e na organização de protestos e manifestações de rua. Manifestações que ganharam grande visibilidade midiática durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Naquele momento, juntamente com membros mais politizados das torcidas organizadas, diversos coletivos ativistas de torcedores saíram às ruas das grandes cidades brasileiras para protestar contra a (desastrosa) gestão da pandemia de Covid-19 feita por tal governo e contra as pautas antidemocráticas defendidas pela extrema direita, como a volta do regime militar (1964-1985) (Lopes, 2023).

Diante dessas mudanças, neste trabalho, realizamos um balanço bibliográfico da produção acadêmica em Educação Física sobre o torcedor de futebol, com o objetivo de compreender como ele foi tratado em artigos publicados em revistas acadêmicas brasileiras da área de 2001 a 2023. Mais exatamente, buscamos responder às seguintes questões: 1 – Onde e

quando foram publicados esses artigos? 2 – Quem os publicou e quais referenciais teórico-metodológicos adotou? e 3 – Quais torcedores foram objeto de seu interesse e como foram pesquisados e representados?

Ao tratar dessas questões, buscamos contribuir para preencher uma lacuna na literatura sobre torcidas de futebol: se, por um lado, já há alguns estudos sobre as representações midiáticas do torcedor (Lopes, 2019; Santos; Lopes; Fontanari, 2021; Lopes; Marcello, 2021); por outro, ainda há poucas produções sobre suas representações acadêmicas – ainda mais da área de Educação Física. Uma das raras pesquisas bibliográficas sobre torcidas advindas dessa área é a de Palhares e colaboradores (2012), que focaliza o comportamento de um agrupamento específico: as torcidas organizadas.

Uma vez justificada a pesquisa, cabe, agora, apresentar a estrutura do artigo. Num primeiro momento, detalhamos o caminho metodológico percorrido. Em seguida, discutimos o contexto de produção dos artigos selecionados, traçando um panorama geral. E, por fim, analisamos como pesquisaram e representaram o torcedor de futebol.

MATERIAIS E MÉTODO

Para responder ao problema de pesquisa, desenvolvemos, conforme já antecipamos, um balanço bibliográfico da produção da área de Educação Física sobre torcedores de futebol. Afinal, balanços

[...] servem de guias bibliográficos e cumprem evidenciar formas de abordagens que levam a prospectar lacunas empíricas e teóricas, identificar inserções institucionais, elencar relevâncias e hierarquias de centros de pesquisa, avaliar limites e contribuições teórico-metodológicos e acomodar ou desacomodar os pesquisadores autores no interior dessas redes sociais (Toledo, 2020, p. 3).

No desenvolvimento do balanço proposto, optamos por analisar artigos publicados em revistas acadêmicas da área de Educação Física, uma vez que são indicadores dos saberes nela desenvolvidos, podendo apontar para os temas considerados pertinentes por seus pesquisadores, assim como indicar as bibliografias utilizadas e as teorias, conceitos e métodos adotados. Ademais, podem revelar os modos de pensamento e tipos de questões nela consagrados (Martino, 2023).

Os artigos selecionados foram retirados de periódicos científicos classificados no último Qualis-CAPES (2017-2020) como B1 ou B2. Dado que a Educação Física não possui nenhum periódico brasileiro da área classificado como A, podemos afirmar que são, nesses estratos, onde se encontram os de maior prestígio. Tomando como base esse critério, selecionamos as seguintes revistas para a nossa pesquisa: *Motriz*, *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, *Movimento*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, *Journal of Physical Education*, *Pensar a Prática*, *Conexões*, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, *Arquivos de Ciência do Esporte* e *Motrivivência*.

No site dessas revistas, empregamos, nos seus campos de busca, os termos “torcedor” e “torcida”. Com a lista de artigos resultantes dessa busca em mãos, excluimos aqueles artigos que: 1 – não apresentavam os termos “torcedor” ou “torcida” no título, resumo ou palavras-chave; 2 – não foram publicados no período contemplado (2001-2023) e 3 – não eram artigos originais, artigos de revisão ou ensaios, isto é, entrevistas, resenhas, traduções e editoriais foram desconsiderados. Com isso, selecionamos um total de 30 artigos, que foram salvos no computador e, posteriormente, lidos na íntegra.

Após essa leitura, excluimos mais 2 artigos, pois, embora atendessem os critérios supramencionados, não abordavam a temática “torcedor/torcida” ou a tratavam apenas de forma muito tangencial. Com isso, nosso *corpus* englobou um total de 28 artigos, que foram submetidos a uma análise de conteúdo (Bardin, 2016). Para realizar essa análise, fizemos um quadro de sistematização, indicando o título de cada um deles, o periódico onde foi publicado, o ano de publicação, o nome do(s) autor(es), seu sexo e sua filiação institucional. Também foram indicados os temas abordados, os referenciais teóricos utilizados, os procedimentos metodológicos adotados e as principais conclusões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma vez indicados os procedimentos metodológicos adotados, apresentaremos e discutiremos, agora, os principais resultados da pesquisa.

PANORAMA GERAL

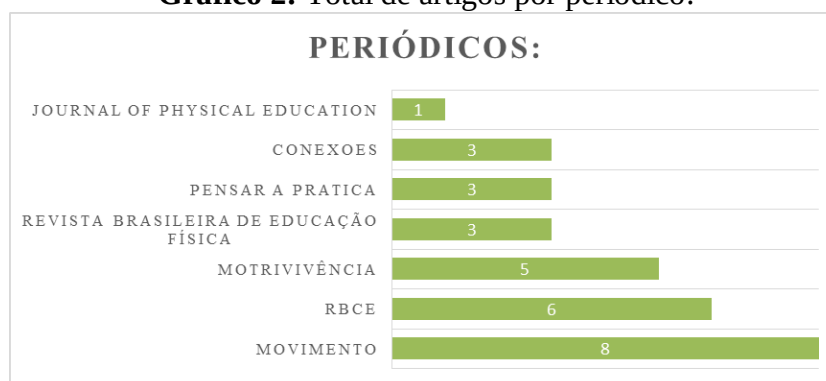
Começamos apresentando um panorama geral dos artigos. Conforme podemos perceber no gráfico 1, não identificamos nenhuma produção anterior a 2007. Esse dado não deixa de ser surpreendente, pois as torcidas organizadas entraram com certa força na agenda de pesquisa das Ciências Humanas já na segunda metade da década de 1990 – devido, entre outros fatores, à proliferação de conflitos e casos de violência nos estádios – como a famosa Batalha Campal do Pacaembu, em 1995, quando integrantes de torcidas organizadas do São Paulo e do Palmeiras invadiram o campo de jogo e se enfrentaram com paus, pedras e outros artefatos, resultando na morte de um torcedor e numa centena de feridos. De acordo com Giglio e Spaggiari (2010, p. 296), essa entrada teve “[...] um impacto decisivo dentro do processo de ampliação do cenário de estudos sobre esporte no Brasil”.

Outro dado interessante indicado pelo gráfico 1 é que a temática torcedora deu um certo salto em 2013 – o que, de certa forma, era esperado, uma vez que, naquele ano, o Brasil recebeu a Copa das Confederações, que antecedeu a Copa do Mundo de 2014. Eventos que, vale recordar, contribuíram para modificar, de forma significativa e permanente, a estrutura de diversos estádios brasileiros, reforçando o chamado processo de “arenização” e de elitização do futebol. Processo este que envolveu, entre outras coisas, o encadeiramento de todos (ou quase todos) os setores (incluindo as famosas e populares “gerais”), o estabelecimento de uma ampla variedade de lojas e serviços dentro dos estádios, a implementação de variados mecanismos panópticos de vigilância e controle do torcedor e a criação de diversos setores exclusivos (e, portanto, excludentes), que modificaram a composição social do público assistente e a experiência de torcer, ensejando uma série de práticas de resistência, levadas a cabo pelas torcidas organizadas e pelos novos coletivos de torcedores (Santos; Helal, 2016).

Gráfico 1: Publicações por ano.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação aos periódicos, aquele que mais deu visibilidade à temática torcedora foi a revista Movimento, da UFRGS. Uma hipótese para isso é que tal revista é voltada a produções que se fundamentam – teórica, metodológica e analiticamente – em fundamentos oriundos das Ciências Humanas e Sociais. Notemos que a terceira revista com mais publicações sobre o tema – a Motrivivência – também possui esse escopo.

Gráfico 2: Total de artigos por periódico.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Já no que diz respeito aos autores, a ampla maioria (68%) é do sexo masculino. Isso é indicativo de que o futebol não apenas é praticado e consumido, principalmente, por homens, mas, também, pesquisado. Conforme retomaremos no tópico subsequente, esse fato parece ter implicações importantes para a escolha do escopo das pesquisas. Afinal, elas praticamente não discutem a(s) questão(ões) de gênero, passando por cima, por exemplo, das relações e experiências vivenciadas, dentro e fora dos estádios, pelas torcedoras mulheres.

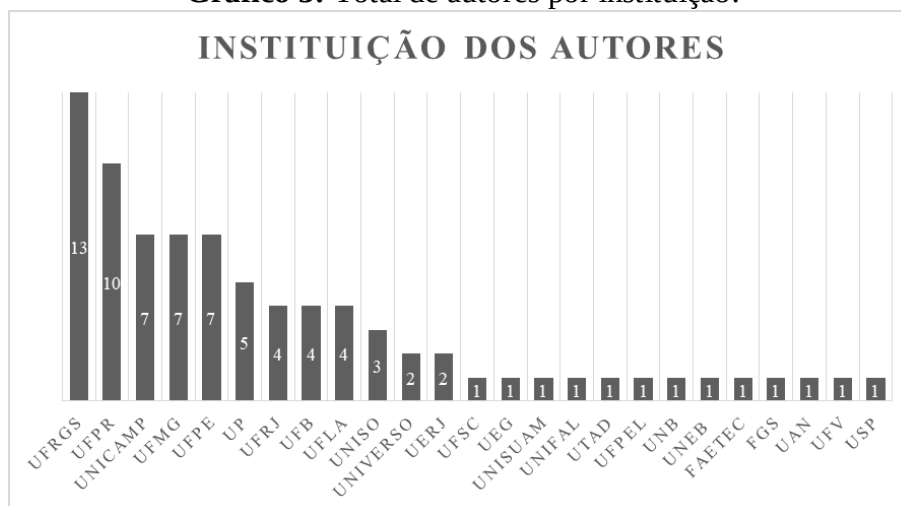
Embora o número de mulheres seja inferior ao de homens, vale sublinhar que Heloísa Helena Baldy dos Reis, da FEF-Unicamp, é a segunda pessoa com maior número de artigos publicados (3). Alguns deles escritos em parceria com Felipe Tavares Paes Lopes, também da FEF-Unicamp, que ocupa a primeira posição (4)⁵. Ambos os pesquisadores têm se dedicado a pesquisar a questão da violência no futebol e as políticas de prevenção dessa violência, integrando o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Futebol (GEF). Ainda no que diz respeito à autoria, vale sublinhar que há uma ampla diversidade de autores que assinam as produções (72) – sendo que praticamente todos eles (67) assinam uma única vez. Isso é indicativo de

⁵ Importante notar que, de acordo com o currículo Lattes dos autores, eles possuem diversas produções sobre torcidas de futebol publicadas em revistas de outras áreas, indicando a adoção de uma perspectiva interdisciplinar.

que, na área da Educação Física, há poucos pesquisadores com produções sistemáticas sobre as torcidas de futebol⁶ – o que, certamente, dificulta o aprofundamento teórico-metodológico das análises. Essa fragmentação também é indicativa de que essas torcidas ocupam, na maior parte das vezes, um lugar secundário na agenda dos pesquisadores da área, sendo analisadas apenas ocasionalmente.

Por fim, em relação à instituição de filiação dos autores, há uma predominância do Sul e do Sudeste, com destaque para UFRGS e Unicamp. Esse dado não é surpreendente, uma vez que são nessas regiões onde se localizam a maior parte dos programas de pós-graduação da área da Educação Física. Ademais, alguns estados, como São Paulo, contam com relevantes agências de fomento à pesquisa. Apesar dessa concentração, não deixa de ser interessante (e importante) que instituições de outras partes do Brasil – como a UFPE – apresentem um número significativo de autorias. Afinal, além de indicar o desenvolvimento acadêmico dessas regiões, a prática do torcer possui particularidades regionais, que precisam ser consideradas nas análises.

Gráfico 3: Total de autores por instituição.



Fonte: Elaborado pelos autores.

PESQUISANDO A TEMÁTICA “TORCEDOR/TORCIDAS”

Uma vez apresentado o panorama geral dos artigos sob investigação, cabe, agora, discutirmos como o torcedor de futebol foi abordado e analisado nesses artigos. Em primeiro lugar, destacamos que esses artigos abordaram um amplo conjunto de temáticas⁷, sendo que apenas 5 deles apareceram em, ao menos, 3 textos, como indica a tabela abaixo:

⁶ Conforme já antecipamos, outras áreas, como a Antropologia e a História, já possuem um campo relativamente consolidado de pesquisas sobre torcidas de futebol, com produções sistemáticas.

⁷ Vale sublinhar que, em diversos artigos, destacamos mais de uma temática. Por esta razão, o número total de frequência delas é superior ao dos materiais pesquisados.

Tabela 1: Temas associados.

Temas	Frequência	% do total
Violência	10	20
Estádio	7	14
Torcida organizada	7	14
Legislação/política pública	6	12
Mídia	3	6
Relações raciais	2	4
Consumo	2	4
Ambiência/manifestação torcedora	2	4
Sociabilidade	2	4
Psicologia da massa	1	2
Emoção	1	2
Covid-19	1	2
Desempenho esportivo	1	2
Relações de gênero	1	2
Política	1	2
Turismo	1	2
Futebol moderno	1	2
Estado	1	2
Total	50	100

Fonte: Elaborada pelos autores.

O fato de o tema da violência estar na primeira posição não surpreende, uma vez que, como já indicamos, esse tema tem sido objeto de investigação científica sistemática – inclusive, com importantes produções da área da Educação Física (Reis, 2006; Murad, 2007; 2017). No entanto, de que maneira foi discursivamente construído pelo material selecionado? Em 5 artigos, aparece associado a um ator específico: as torcidas organizadas (abordadas em 7 textos). Associação que está na raiz mesma dos estudos sobre elas. Afinal, como sublinham Giglio e Spaggiari (2010, p. 296), esses estudos foram “[...] muito influenciadas pela proliferação de conflitos e casos de violência nos estádios no começo dos anos 1990”.

Por um lado, podemos afirmar que essa associação pode reforçar o processo de estigmatização das torcidas organizadas, pois joga luz sobre seu atributo considerado “defeituoso” em detrimento de outros (Goffman, 1988). Inclusive, essa é uma das conclusões de um dos artigos analisados: ao se debruçar sobre o debate público acerca da violência no futebol brasileiro, Lopes (2013) sublinha que a repetida ênfase e o enfoque nas características “desviantes” ou criminais dos torcedores organizados podem ajudar a revesti-los com a imagem do perigo e da maldade, criando e confirmando atitudes discriminatórias contra eles.

Por outro lado, se analisarmos mais cuidadosamente esses textos, veremos que buscam justamente colocar em xeque esse processo de estigmatização, problematizando tanto a forma como os meios de comunicação representam as torcidas organizadas quanto as políticas públicas dirigidas a elas. Por exemplo, para um dos artigos analisados (Reis; Lopes, 2016), muitas das generalizações feitas pelos referidos meios dos integrantes dessas torcidas não encontram respaldo empírico. Não à toa, afirma buscar ir além dos rótulos. É importante destacar, ainda, que tal artigo, assim como outros 3, utilizam os torcedores organizados como fontes de informação e reflexão. Esse uso pode contribuir para fornecer representações alternativas desses torcedores, desafiando o estigma da violência que lhe é atribuído pela grande imprensa. Conforme outro artigo analisado (Lopes, 2013), raramente, tais torcedores são fontes de informação dessa imprensa e, quando são, em geral, aparecem na condição de acusados, ou seja, eles não estão lá para explicar, mas para se explicarem.

Diante do exposto, podemos afirmar que o processo de estigmatização das torcidas organizadas parece ser levado a cabo, no contexto investigado, menos pelo que se diz delas e mais pelo que não se diz. Isto é, menos pelo que se produz sobre elas e mais pelo que não se produz. Pelo silêncio, portanto. Afinal, ainda que os artigos analisados chamem atenção para os aspectos socialmente valorizados das organizadas; em geral, esses aspectos são mencionados para fazer contraponto à questão da violência, ou seja, são o “pano de fundo” das investigações, não figurando como tema principal. Nesse sentido, seria importante a área

produzir mais pesquisas sobre esses outros aspectos – interrogando, por exemplo, a relevância dos trabalhos sociais executados pelas torcidas organizadas para as comunidades em que estão inseridas.

Outra temática diretamente associada à questão da violência é “legislação/política pública” (em 3 artigos). Em geral, o Estado, aqui, é criticado e visto como parte do problema, e não apenas da solução. Com isso, podemos afirmar que a produção sob análise contribui, em certa medida, para retirar da penumbra a (ir)responsabilidade dos agentes de segurança e dos formuladores de políticas públicas na produção da violência no futebol. Em alguns momentos, o Estado também é criticado por, através de suas medidas e práticas – que, com frequência, apostam no controle panóptico dos torcedores e na repressão –, produzir novas formas de violência. Por exemplo, ao abordarem o contexto argentino, Perina e Lopes (2021, p. 9) afirmam que a ação policial “[...] é pouco compatível com as prescrições legislativas. Afinal, os agentes de segurança as desrespeitam sistematicamente adotando a lógica do *aguante*, que os levam a se imporem aos torcedores pela força (que não raro resultam em homicídios)”.

Além da violência, outro tema bastante discutido foi “estádios”. Dos 7 artigos onde ele aparece como um dos assuntos principais, apenas 1 é anterior à década de 2010. Uma hipótese para esse dado é que, conforme já antecipamos, foi, em tal década, que o Brasil recebeu megaeventos esportivos – como a Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 –, que modificaram, significativamente, a estrutura de algumas das principais arenas do país, impactando a experiência de torcer. Corroborando essa hipótese, parte desses artigos analisa justamente essas transformações. Por exemplo, um dos artigos (Tavares; Telles; Votre, 2018) discutiu as representações dos torcedores do novo e do velho Maracanã; outro (Rodrigues; Drula; Rechia, 2017) investigou as consequências de tais transformações para as experiências no âmbito do esporte e do lazer; e outro (Pacheco *et al.*, 2020), ainda, analisou as mudanças na alimentação e nas formas de sociabilidade no “novo” Estádio Mineirão pela perspectiva dos torcedores.

Em relação aos demais temas, notamos certa preocupação da área com a mídia (3 artigos) – o que não deixa de ser importante para a compreensão do fenômeno das torcidas. Afinal, conforme Thompson (2000), um dos processos que caracterizam a modernidade é justamente o processo de “mediação” da cultura. Processo este que tornou as formas simbólicas mercantilizadas – como o futebol – acessíveis a um grupo cada vez maiores de receptores. Certamente, a popularização desse esporte deve-se, ao menos em parte, à formação da imprensa esportiva, destinada a alcançar grandes audiências (Gastaldo, 2011).

Identificamos, ainda, alguns artigos sobre a ambiência e manifestação torcedora, sobre questões relacionadas ao consumo esportivo, sobre a sociabilidade torcedora e sobre relações raciais (2 artigos para cada item). O pequeno número de artigos sobre essas relações não deixa de ser surpreendente: primeiro, porque era de se esperar que um dos problemas sociais mais graves do Brasil, o racismo, recebesse mais atenção da área – ainda mais tendo em mente os diversos casos recentes praticados por e contra torcedores de futebol. Segundo, porque a participação dos negros no futebol brasileiro é um tema central na literatura especializada, ensejando acalorados debates, como aquele protagonizado por Soares (2001) e Helal e Gordon Jr (2001).

Aqui, não podemos deixar de mencionar, também, que apenas um artigo (Bandeira; Seffner, 2022) abordou diretamente a questão das relações de gênero, tratando da temática da masculinidade. Ainda que essa temática seja relevante, isso significa que nenhum artigo teve como foco principal as experiências e vivências das mulheres torcedoras – que constituem parte significativa do universo torcedor. Também seria de grande relevância conhecer melhor o público frequentador do futebol de mulheres. Há diferenças para o de homens? Se sim, quais? Independentemente de quais foram as respostas para essas questões, podemos afirmar que a área não acompanhou a ampliação do interesse da Ciências Humanas e Sociais pelo

debate sobre “gênero e esporte”, intensificada na segunda metade da década de 2010. Tampouco acompanhou o próprio processo de profissionalização, organização e popularização do futebol de mulheres, que desaguou no grande sucesso da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, a mais assistida da história (Vimieiro; Eugênio; Souza, 2023).

Em relação aos procedimentos metodológicos empregados, embora a maior parte dos artigos (10) tenha empregado apenas um tipo de procedimento, em diversos casos (8), optou-se por combinar dois ou mais. Entre os principais procedimentos empregados, destacam-se: a análise documental (15); as observações (11); o levantamento bibliográfico (7) e a aplicação de questionários (5). Apenas 2 artigos fizeram uso de entrevistas – o que não deixa de ser surpreendente dada a sua relevância para a pesquisa qualitativa. Outros 2 basearam-se em conversas informais e 1 realizou uma análise prototípica.

Já no que diz respeito às fontes utilizadas, alguns artigos (7) mesclaram duas fontes ou mais. Em relação às fontes mais utilizadas, destacam-se: em primeiro lugar, os documentos de domínio público (15), que podem assumir diferentes formas, tais como: diários oficiais, arquivos variados, jornais, legislação etc. Uma hipótese para esse uso é que esses documentos possuem grande potencial de circulação de sentidos e de reestruturação dos espaços institucionalizados de interação. Ademais, estão “[...] eticamente [...] abertos para análise por pertencerem ao espaço público, por terem sido tornados públicos de uma forma que permite a responsabilização” (Spink, 2002, p. 136).

Em segundo lugar, os próprios torcedores (11). Aqui, no entanto, é preciso destacar quais foram os torcedores consultados. Alguns artigos trabalharam com recorte territorial (torcedores de Belo Horizonte e de Recife, por exemplo); outros, com recorte clubístico (torcedores do Atlético-MG, por exemplo); outros, com recorte de frequência (frequentadores de determinado estádio, por exemplo); e outros, ainda, com recorte associativo (torcedores organizados, por exemplo). A consulta a este último grupo é particularmente relevante pelas razões já expostas. Cabe salientar, no entanto, que seria importante, em estudos futuros, estabelecer outros recortes, como raça, classe social, idade e gênero. Por exemplo, o que pensam as mulheres-torcedoras? Como se organizam para ir ao estádio? Quais as dificuldades e os desafios enfrentados por elas no ambiente torcedor?

Em terceiro lugar, produções científicas (7). A despeito desse uso, é relevante notar que não observamos muitas contraposições de ideias – o que faz com que a produção da área seja “fragmentada”. Além desses textos, foram consultados pais de atletas (1), autoridades públicas (1), dirigentes esportivos (1) e a sociedade civil de forma geral (1).

Por fim, em relação aos referenciais teóricos adotados, podemos afirmar que há uma enorme variedade de autores e conceitos utilizados, não sendo possível identificar uma corrente predominante. Por um lado, essa pluralidade de referenciais é interessante, pois contribuiu para analisar a temática “torcedor/torcidas” de diferentes ângulos. Por outro lado, não permite um aprofundamento teórico e, por conseguinte, um avanço significativo no debate. Prova disso é que a maior parte dos estudos ainda é exploratória e descritiva, sendo raros, conforme acabamos de mencionar, os debates e as contraposições de ideias – o que é indicativo de que o campo de pesquisas sobre a temática em questão ainda é incipiente na Educação Física. Mesmo quando falamos dos assuntos mais pesquisados – como a violência envolvendo torcedores –, há poucas menções a outras produções da área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, realizamos um balanço bibliográfico da produção acadêmica em Educação Física sobre o torcedor de futebol. Entre outras coisas, tal balanço nos mostra que a área pautou, principalmente, a questão da violência e que, ao pautá-la, focalizou o

comportamento das torcidas organizadas. Também nos indica que há pouca contraposição de ideias, que as principais fontes de informação são documentos de domínio público, os próprios torcedores e produções científicas e que os principais procedimentos metodológicos adotados são a análise documental, a observação direta e a aplicação de questionários.

Em relação às lacunas existentes, chama atenção a falta de estudos sobre as experiências e vivências das mulheres-torcedoras. Seria importante conhecer como se dá a sua socialização e a sua organização dentro e fora dos estádios de futebol. Afinal, além de constituírem parte significativa do universo torcedor, o silêncio em relação a elas contribui para naturalizar a experiência torcedora masculina, fazendo crer que o homem-torcedor pode ser universalizado. Outra lacuna relevante diz respeito aos estudos sobre relações étnico-raciais. Esta lacuna torna-se ainda mais problemática se considerarmos a persistência do racismo nas arquibancadas brasileiras.

Para finalizar, sublinhamos que, em estudos futuros, pretendemos esmiuçar o conjunto mais amplo de pressupostos (ontológicos, epistemológicos, metodológicos etc.) do material pesquisado, assim como aprofundar a análise de suas implicações lógicas e sociais. Também pretendemos comparar esse material com a produção acadêmica sobre o torcedor de futebol de outras áreas e de outros países, a fim de verificar se há um “pano discursivo” comum.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. O androcentrismo do torcer: do Universo do Futebol ao estádio contemporâneo. **Conexões**, v. 20, p. 1-19, 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BUFORD, B. **Entre os vândalos: multidão e a sedução da violência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DUNNING, E. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.
- GASTALDO, E. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 08, n. 21, p. 39-51, 2011.
- GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, v. 163, p. 293-350, 2010.
- GIULIANOTTI, R. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Revista Recorde**, v. 5, n. 1, p. 1-35, 2012.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- HELAL, R.; GORDON JR., C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. (org.). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 51-76.
- LAUAND, J. Reavaliando a fraseologia I – a origem das expressões: “torcedor”, “bater papo” e “será o Benedito?”. **Revista Internacional d’Humanitats**, v. 36, p. 5-14, 2016.
- LOPES, F. T. P. **Ativismo e resistência no futebol: o Trio de Ferro contra a dominação**. Paulínia: AutorEsporte, 2023.

LOPES, F. T. P. **Violência no futebol**: ideologia na construção de um problema social. Curitiba: CRV, 2019.

LOPES, F. T. P. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, p. 597-612, 2013.

LOPES, F. T. P.; MARCELLO, M. A. Comunicação, futebol e antifascismo: a cobertura jornalística das manifestações políticas de rua de torcedores organizados em 2020. **Logos**, v. 28, p. 60-74, 2021.

LOPES, F. T. P.; HOLLANDA, B. B. B. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios de São Paulo. **Tempo**, v. 24, n. 2, p. 207-232, 2018.

LOPES, F. T. P.; TEIXEIRA, R. C. No campo das torcidas organizadas de futebol: interações sociais e aprendizagens. In: TEIXEIRA, R. C.; MAGALHÃES, L. G. (org.). **Futebol na sala de aula**: jogadas, dribles, passes, esquemas táticos e atuações para o ensino de Ciências Sociais e de História. Niterói: EDUFF, 2021. p. 137-175.

MARTINO, L. M. S. “Publicar ou perecer”? Três dimensões das publicações acadêmicas na pesquisa em Comunicação. **Tríade**: comunicação, cultura e mídia, v. 11, n. 24, p. 1-21, 2023.

MURAD, M. **A violência no futebol**: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. 2 ed. São Paulo: Benvirá, 2017.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

NUMERATO, D. Who says “no to modern football?”. Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. **Journal of Sport and Social Issues**, p. 1-9, 2014.

PACHECO, L. T.; DANTAS, M. M.; SOUZA, A. L.; SILVA, R. Comida de estádio: reflexões sobre o “tropeirão” e a sociabilidade no “Novo Mineirão”. **Movimento**, v. 26, p. 1-21, 2020.

PALHARES, M. F. S.; SCWARTZ, G. M.; TERUEL, A. P.; SANTIAGO, D. R. P.; TREVISAN, P. R. T. C. Lazer, agressividade e violência: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas. **Motriz**, v. 18, n. 01, p. 186-199, 2012.

PERINA, F.; LOPES, F. T. P. L. Dispositivos de segurança no futebol argentino e colombiano: uma revisão bibliográfica. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-15, 2021.

REIS, H. H. B.. **Futebol e violência**. Campinas: Armazem do Ipê, 2006.

REIS, H. H. B.; LOPES, F. T. P. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 693-706, 2016.

REZENDE, F. H. F. Os bondes de pista: a briga como possibilidade de lazer para grupos de torcedores de futebol no Brasil. **Licere**, v. 27, n. 3, n.p., 2024.

RODRIGUES, A. P. C. R.; DRULA, A. J.; RECHIA, S. Do rubro-negro ao neutro da FIFA: uma análise das transformações dos estádios-sede da copa do mundo de 2014. **Movimento**, v. 23, p. 1283-1296, 2017.

SANTOS, I. S. C.; HELAL, R. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Tríade**: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia, v. 3, n. 7, p. 54-69, 2016.

SANTOS, T. C.; LOPES, F. T. P.; FONTANARI, R. Imagens jornalísticas e futebol: a violência envolvendo torcedores organizados. **Comunicação & Inovação**, v. 22, p. 153-169, 2021.

SOARES, A. J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. (org.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13-50.

SPINK, P. A análise de documentos de domínio público. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2002. p. 63-92.

TAVARES, A. B. C. O.; TELLES, S. C. C.; VOTRE, S. J. Estádio do Maracanã: um estudo comparativo entre as representações sociais dos torcedores sobre o antigo e o novo lugar do futebol. **Movimento**, v. 24, n. 02, p. 353-366, 2018.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOLEDO, L. H. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na antropologia brasileira. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 94, p. 1-32, 2020.

VIMIEIRO, A. C.; EUGÊNIO, F. R.; SOUZA, O. L. P. Estudos sobre mídia, gênero e esporte no Brasil: narrativas do futebol feminino e algumas propostas. **E-compós**, p. 1-27, 2023.

Recebido em: 25 nov. 2024.

Aprovado em: 16 jan. 2025.